

ISSN 1516-9162

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE
n. 32, jan./jun. 2007

**A CLÍNICA PSICANALÍTICA
E SEUS FUNDAMENTOS**

ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE
Porto Alegre

**REVISTA DA ASSOCIAÇÃO
PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE**

ISSN 1516-9162

EXPEDIENTE
Publicação Interna
Número 32 - jan./jun. 2007

Título deste número:
A CLÍNICA PSICANALÍTICA E SEUS FUNDAMENTOS

Editor:
Otávio Augusto W. Nunes e Beatriz Kauri dos Reis

Comissão Editorial:
Beatriz Kauri dos Reis, Daniel Ritzel, Deborah Pinho, Inajara Erthal Amaral, Maria Ângela Bulhões, Otávio Augusto W. Nunes, Siloé Rey e Valéria Machado Rilho

Colaboradores deste número:
Carmen Backes, Lígia Victora, Marta Pedó e Robson de Freitas Pereira

Consultoria lingüística:
Dino del Pino

Capa:
Clóvis Borba

Linha Editorial:

A Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre é uma publicação semestral da APPOA que tem por objetivo a inserção, circulação e debate de produções na área da psicanálise. Contém estudos teóricos, contribuições clínicas, revisões críticas, crônicas e entrevistas reunidas em edições temáticas e agrupadas em quatro seções distintas: textos, história, entrevista e variações. Além da venda avulsa, a Revista é distribuída a assinantes e membros da APPOA e em permuta e/ou doação a instituições científicas de áreas afins, assim com bibliotecas universitárias do País.

ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE

Rua Faria Santos, 258 Bairro: Petrópolis 90670-150 – Porto Alegre / RS
Fone: (51) 3333.2140 – Fax: (51) 3333.7922
E-mail: appoa@appoa.com.br
Home-page: www.appoa.com.br

R454

Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre / Associação
Psicanalítica de Porto Alegre. - Vol. 1, n. 1 (1990). - Porto Alegre: APPOA, 1990, -

Absorveu: Boletim da Associação Psicanalítica de Porto Alegre.

Semestral

ISSN 1516-9162

1. Psicanálise - Periódicos. I. Associação Psicanalítica de Porto Alegre

CDU 159.964.2(05)
CDD 616.891.7

Bibliotecária Responsável Luciane Alves Santini CRB 10
Indexada na base de dados Index PSI – Indexador dos Periódicos Brasileiros na área de
Psicologia (<http://www.bvs-psi.org.br/>)
Versão eletrônica disponível no site www.appoa.com.br
Impressa em out. 2007.

**A CLÍNICA PSICANALÍTICA
E SEUS FUNDAMENTOS**

SUMÁRIO

■ EDITORIAL.....	07	■ RECORDAR, REPETIR, ELABORAR	
■ TEXTOS		A resposta total do analista às necessi- dades do seu paciente	82
Inconsciente e desejo do analista... 10		"R" - <i>The analyst's total response to his patient's needs</i>	
<i>Unconscious and desire of the analyst</i>		Margaret Little	
Robson de Freitas Pereira		■ ENTREVISTA	
Repetição: conceito e clínica..... 17		a angustia através do corpo.....	113
<i>Repetition: concept and clinic</i>		Daniel Paola	
Lúcia A. Mees		■ VARIAÇÕES	
A formação do conceito de recalque em Freud..... 26		Tempo e Inconsciente Inconsciente e pulsão Pulsão e desejo do analista	123
<i>The formation of the concept of repression in Freud</i>		Oswaldo Arribas	
Elaine Starosta Foguel		Serestar	127
Transferência, verbo intransitivo..... 35		Ricardo Goldenberg	
<i>Transference, intransitive verb</i>		O ato tradutório. Considerações sobre a tradução do Seminário XI de Lacan.....	134
Maria Cristina Poli		Claudia Berliner	
Desastres da transferência..... 42			
<i>Disasters of the transference</i>			
Rosane Monteiro Ramalho			
A pulsão escópica na contemporaneidade..... 49			
<i>The scopidrive in contemporaneity</i>			
Jaime Betts			
Bicho de sete cabeças: a clínica psicanalítica em instituições..... 67			
<i>The psychoanalytic clinic in institutions</i>			
Marianne Stolzmann Mendes Ribeiro			
As transferências nas políticas públicas de saúde e a criação de dispositivos clínicos institucionais..... 75			
<i>The transferences in health public policies and the creation of institutional clinical devices</i>			
Emília Estivalet Broide			

O tema da *clínica psicanalítica e seus fundamentos* nos remete, imediatamente, à antiga polêmica da suposta divisão entre teoria e prática.

Que a teoria e seus conceitos sejam indispensáveis a uma reflexão sobre a prática que se pretenda séria e rigorosa, ninguém discute. Da mesma forma, é indiscutível que à prática se resguarde a prerrogativa de sustentar ou refutar os conceitos que a fundamentam. Afinal, a teoria que é viva não só interroga a prática, como também se deixa interrogar por ela, num movimento dialético incessante, no qual uma não pode ser totalmente recoberta pela outra.

No universo das idéias e das teorias forjadas ao longo dos tempos, acontece de algumas tornarem-se conceitos fundamentais por serem reconhecidas, *a posteriori*, como as responsáveis pela demarcação e, conseqüentemente, pela fundação de um campo de conhecimento e de intervenção. Por essa razão, muito facilmente o que é fundamental pode ser tido como a verdade última, porque primeira, a exemplo dos movimentos fundamentalistas.

A psicanálise reconhece em Freud a fundação de seu campo, o do inconsciente. Desde então, mais de um século se passou; discípulos freudianos tornaram-se psicanalistas, produziram obras importantes e fundaram suas escolas, sem que, com isso, o legado de Freud perdesse seu poder de transmissão. Prova irrecusável de que seu texto é aberto a múltiplas leituras. Marca, aliás, compartilhada com aquelas que ficaram conhecidas como as grandes obras de nossa cultura, por atravessarem as épocas.

Importante deixar claro que transmissão não se confunde com ensino, nem com difusão de idéias e teorias. Transmitir é passar a outrem os efeitos de

uma experiência muito singular. No caso da psicanálise, a experiência em questão é a do inconsciente, produzida no encontro com a falta e o desejo.

Disso resulta que o texto freudiano não se configura como mera teoria sobre o inconsciente e a falta; mais do que isso, ele é constituído por ela. Ao se deixar guiar pela falta, Freud não se faz mestre de sua criação. Prova cabal disso é o surgimento de outras tantas “psicanálises” a que sua obra deu margem.

Ao que um leigo em matéria de psicanálise poderia então interpor: mas qual delas é a verdadeira? A freudiana, a jungiana, a kleiniana, a lacanianana, etc.? Aquela que mantém vivo o espírito da psicanálise, a saber, o compromisso ético com a transmissão da experiência legada por Freud.

O que importa é recolher, do texto freudiano, o fio cortante da experiência do inconsciente. Nesse sentido, tanto faz se é lacanianana, kleiniana ou qualquer outra, porque a psicanálise não é a doutrina do inconsciente, seja lá quem for seu signatário. Aliás, em matéria de psicanálise, dividi-la em corpo conceitual e prática clínica é, no mínimo, faltar com o rigor que ela requer.

Sua transmissão põe em jogo um tipo de saber muito específico, o qual tem seu fundamento desenvolvido por Lacan, quando propõe o inconsciente como um saber que não se sabe, na medida em que este surge como vindo do Outro, suposto na linguagem, a qual nos antecede. Tal saber não se confunde com conhecimento, como bem demonstra a expressão linguageira “é sábio de velho”. Contudo, não basta viver para saber. Além de atores, é preciso que nos façamos autores de nossa própria história, para que possamos nos apropriar da experiência vivida. O saber que daí advém, portanto, traz em si uma dimensão de produção e de domínio, índices de um sujeito, e também de ignorância e de alienação, já que, da experiência, sempre resta algo impossível de representar.

O fato é que os conceitos fundamentais podem ser retomados desde duas diferentes posições subjetivas: ou como ato de reverência à verdade contida nas palavras do mestre; ou como trabalho de desidealização, que requer a passagem pela palavra do Outro, não para assimilá-lo por incorporação, mas para encontrar um ponto de enunciação que permita a interrogação, a atualização e, até mesmo, a reinvenção dos conceitos. Pois, como se apropriar daquilo que nos antecipa, senão reconstruindo, um a um, tais conceitos à maneira de um saber que nos inclua? E isso, sem esquecer que, a cada conto, cada um aumenta um ponto...

Ainda hoje estamos colhendo os frutos do que se desenvolveu, como um estudo coletivo, do Seminário *Os 4 conceitos fundamentais da psicanálise*, de Lacan, proposto pela APPOA para o ano de 2006. Nesta Revista, produto dessa experiência institucional, os autores se arriscam a falar de suas práticas, que,

muitas vezes longe do consultório, se propõem psicanalíticas. Psicanalíticas não somente porque se amparam na teoria da psicanálise, mas, sobretudo, porque se pautam pela ética psicanalítica. Pois, quando um analista é requerido, é com o desejo do desejo que efetivamente ele pode contar. O que segue – o apelo às referências e à elaboração teórica – se lhe impõe como necessidade de construir um determinado saber sobre o real que resta dessa experiência. Ocasão em que o saber adquire peso de verdade.

A julgar pelos efeitos aqui testemunhados, não resta dúvida quanto à posição que assumimos frente ao que nos funda.

TEXTOS

INCONSCIENTE E DESEJO DO PSICANALISTA¹

Robson de Freitas Pereira²

Resumo: O texto articula conceitos fundamentais da psicanálise – tais como inconsciente, pulsão, transferência, objeto *a* – ao desejo do psicanalista, no que ele é o operador da ética que dirige a clínica psicanalítica.

Palavras-chaves: inconsciente, significante, objeto *a*, desejo do psicanalista.

UNCONSCIOUS AND DESIRE OF THE ANALYST

Abstract: The text articulates fundamental concepts of psychoanalysis – such as unconscious, drive (*Trieb*), transference, object *a* – to the desire of the analyst, as it is the operator of the ethics that guides psychoanalysis clinic.

Keywords: unconscious, signifier, object *a*, desire of the analyst.

¹ Trabalho apresentado nas Jornadas Clínicas da APPOA – *Fundamentos da Psicanálise*, realizadas em Porto Alegre, outubro/2006.

² Psicanalista; Membro da APPOA. Organizou entre outros livros, *Sargento Pimenta forever*. Porto Alegre:Libretos, 2007.

*O inconsciente está estruturado como linguagem.
(...) Como nomear um desejo? Um desejo o cercamos. Muitas
coisas na história nos dão o traço e a pista.
J.Lacan³*

O texto que segue trata de anotações e associações, aproximativas; pois, a multiplicidade de abordagens dificulta a clareza e concisão. Não somente pelo deslizamento das significações, mas pela própria natureza da tarefa e sua exigência: falar destes três temas anunciados no título – inconsciente, desejo e desejo do psicanalista – e ainda encontrar suas articulações. Haja topologia e análise!

Como apresentar o tema? Por um recorte, por um particular, aí estaremos em cheio no panorama geral. Esta jornada apresenta um momento na trajetória de estudo do *Seminário 11* (Lacan, [1964] 1979). Costumamos pensar que ela seria um ponto de chegada, de culminância. Em certo sentido sim, mas prefiro sublinhar uma outra via; que ela é um ponto de encontro para novos diálogos e partida para outros, nesta tarefa interminável da formação e de dar conta aos pares de como nos situamos.

Um tópico importante dentro deste campo: a dificuldade de transmitir algo da experiência. O seminário *Os quatro conceitos* é clínico e, simultaneamente, busca definir conceitos fundamentais. Sabemos que entre o acontecido na clínica e sua elaboração há um mundo. Mas imundos (*muddy*) persistimos. A questão não é nova e transcende as fronteiras da psicanálise. Fiquei pensando sobre isto após a leitura de artigo de Jorge Coli (2006). O autor, historiador e crítico escreve sobre a diferença e contraponto entre o intelectual e o homem de cultura (cultivado) a partir de algumas considerações de Umberto Eco sobre a distância entre erudição e cultura. A primeira sendo secundária com relação a segunda. Para o mestre milanês, o erudito sabe a data de nascimento dos reis da França. Mas, o sujeito culto faz as relações necessárias para situar a França no contexto histórico, social e político de seu tempo. A data de nascimento é uma informação que podemos conseguir na internet se tivermos necessidade dela. Aqui podemos fazer uma primeira associação: saber recitar os conceitos é uma espécie de informação, difícil é articular e contextualizar, em outras palavras fazer uma elaboração – *ducharbeiten*, dizia Freud – que leve em alta conta a transferência. Lacan (1958-59) afirma, no seminário *O desejo e sua interpreta-*

³ Lacan ([1964] 1979, p. 240).

ção, que as articulações só são possíveis a partir do significante; sem ele, só existem continuidades e descontinuidades. Uma outra forma de situar o que R. Barthes (1977) apontava como sendo a contribuição da psicanálise para a cultura ocidental: a escuta do significante. Sem ela, ficaríamos restritos a escutar os índices e os signos, não conseguindo romper com o sentido, hermenêutico ou religioso. Então podemos repetir o aforisma: o inconsciente se estrutura como linguagem, a partir do discurso do Outro.

Um detalhe a mais. Para o historiador Jorge Coli, o contraponto entre erudição e cultura, além de ser clássico, propicia uma segunda separação: entre o homem culto e o intelectual. Onde o sujeito da cultura cultiva uma espécie de hedonismo. Importa para ele a experiência e a fruição. A cultura é uma prática, no sentido de um hábito, de um costume, de uma freqüentação. Em contraponto, para o intelectual, para o crítico, o importante é a análise das relações possíveis com o contexto, com as causas, não se deixando enganar pelas sensações. É o exercício de um dever, ou um trabalho em exercício. A cultura é um meio, não um universo habitável, que pode ser um instrumento para “contextualizar” a tese que se quer demonstrar.

Pois bem, um psicanalista não pode refugiar-se nesta divisão para situar sua posição. Não pode fazer como Ulisses que se amarrava ao mastro do navio e fechou os ouvidos com cera, para não sucumbir ao canto das sereias. Nem na clínica, tampouco em se tratando de uma exposição pública, uma das tentativas de transmitir algo da experiência. O psicanalista está pressionado a situar a causa de seu desejo que é também o suporte de sua experiência, de sua práxis.

A situação é tão mais atual neste momento em que estamos às vésperas de mais um pleito eleitoral: somos eleitores na sociedade civil e, simultaneamente, somos chamados a falar sobre o comportamento e a subjetividade do “eleitor”, este personagem multifacetado, construção moderna da ciência política, da pesquisa e da democracia. A discussão de como fazê-lo é das mais prementes. Pois, desde onde falamos? Somos entrevistados, “fonte” (no jargão jornalístico) e, simultaneamente estamos implicados na vida da *polis*.

Fecha parênteses e retornemos ao nosso contexto. Articulado ao inconsciente, estamos tentando abordar um conceito – desejo do psicanalista – que não recebeu este tratamento no texto do seminário *Os quatro conceitos fundamentais*, mas que se estrutura como fio condutor deles. Amarração que possibilita a associação da clínica psicanalítica com a elaboração de seus fundamentos.

Aqui não vale somente a “certeza” da experiência, no senso comum: esta certeza que, uma vez estabelecida, instaura o indivíduo num lugar que o imagi-

nário dá a consistência e a permanência no tempo. Os atos tem efeitos simbólicos, reais e/ou imaginários. A interrupção de uma sessão, por exemplo, provoca um efeito que possibilita um sujeito lidar com o Real.

“Pois, como dissemos sem entrar na mola da transferência, é o desejo do analista que, em última instância, opera na psicanálise” (J. Lacan, [1964] 1998, p.868). Operador mesmo em situações prosaicas e cotidianas como no relato de um sonho ou num ato falho, para não ficarmos idealizando demais o que poderia ser a função desejo de analista. Que haja algo de um!

Exemplo clínico: analisante que comete ato falho. Depois de anunciar que estava pensando em terminar (interromper; em nosso jargão e concepção) o tratamento, esqueceu da sessão seguinte. Surpresa! Retorna falando da surpresa, da aturdição que isto produziu nele, acreditando que algo novo surgiu ali, algo da sua verdade. Isto “reorganizou”, relançou sua análise.

Não produziu associações sobre a confirmação de sua decisão, mas ao contrário, sua surpresa permitiu um relançamento/re-enlaçamento de questões que até então estavam fora do texto, ou se produziam esporadicamente. Não há garantias na direção do tratamento. O efeito surpresa tem seus limites e nada nos garante que ali adiante esta análise não venha a se interromper. Mas neste momento, ela pode ser relançada. A pergunta a respeito do que será que o analisante pretendia poupar o analista ao tentar abandonar a análise, pode servir para introduzir a questão da transferência. Pensando na afirmação de Lacan ([1964] 1979) a respeito de que a resistência pode se manifestar numa tentativa de não permitir que o analista se engane.

Aqui estamos enfatizando justamente a dimensão do engano necessário para que o analista não erre. É preciso deixar-se enganar; pois os que não se enganam erram. Tomar gato por lebre, como dizia Helio Pelegrino.

Este engano toma a dimensão/estatuto de equívoco necessário para que o sujeito possa aceder a um saber que o ajude a decifrar-se. Esta é a função da transferência. Qual a função do desejo do analista? Sustentar a transferência; uma vez que o analista faz parte da noção de inconsciente, ao escutar o significante e saber que seu desejo está em causa.

Repetindo o mote: um inconsciente se estrutura como linguagem e se organiza como discurso, como um discurso do Outro. Assim, temos que confiar no engano, confiar na experiência já trilhada (de sua própria análise, por exemplo), na passagem aberta e persistentemente retomada. Esta retomada, reabertura da experiência faz a diferença da iniciação, porque aposta na dissolução deste laço que principia com a transferência encarnando-se em um para que haja algo do um que seja sustentado, um terceiro que suporta os dois ali presentes.

Uma questão assim não podia ser abordada pelo lugar comum; um conceito se forja por aproximação, fazendo uma borda em seus limites, nunca por finalização. Como o próprio Lacan se refere, ao dar continuidade ao trabalho sobre a transferência e a pulsão, no capítulo intitulado *Presença do analista*: “Tratarei hoje da transferência, quer dizer que abordarei sua questão esperando chegar a lhes dar uma idéia de seu conceito” (Lacan, [1964], 1979, p. 119) (Grifo nosso). Abordando-se uma questão, estar-se-á em cheio no conjunto do tema, como é a lógica que comanda a escuta psicanalítica: um ato falho, um fragmento de sonho, um detalhe do cotidiano são elementos fundamentais para este trabalho (psicanalisar) que um dia Freud denominou impossível, juntamente com governar e educar.

Para prosseguir no tema, algumas frases anotadas ao longo da leitura:

[...] se a transferência é o que, da pulsão, desvia a demanda, o desejo do analista é aquele que a traz ali de volta. E, por esta via, ele isola o a, o põe a maior distância possível do I que ele, o analista, é chamado a encarnar. É dessa idealização que o analista tem que tombar para ser o suporte do a separador, na medida em que seu desejo lhe permite, numa hipótese às avessas, encarnar, ele, o hipnotizado (Lacan, [1964] 1979, p. 258).

Encarnar o hipnotizado e não o hipnotizador é uma outra maneira de dizer que a relação sujeito-objeto está subvertida na análise. O analista faz aparência de um objeto causa de desejo, para que um sujeito possa advir. Mas do mesmo modo que não há “esperto” neste jogo, ou seja, não há paridade, ou linearidade, não há possibilidade de que “deixar-se enganar” seja da ordem do faz de conta. Do tipo, papai vai deixar o filhinho ganhar para ele saber que pode derrotar o pai. O pai-mestre cai apesar de seu desejo, de sua demanda de amor, enfim, de reconhecimento. O único reconhecimento que nos interessa é o do inconsciente, da experiência do inconsciente como determinante.

Neste sentido, o texto do seminário aponta para mais uma volta desta prática:

[...] é na medida que o desejo do analista, que resta um x , tende para um sentido exatamente contrário à identificação que a travessia do plano da identificação é possível, pelo intermédio da separação do sujeito na experiência. A experiência do sujeito é reconduzida ao plano onde se pode presentificar a pulsão, via realidade do inconsciente (Lacan, [1964] 1979, p. 259).

Porque a realidade do inconsciente é sempre sexual, naquilo que a psicanálise nos ensina do que o sexual tem de falho, daí a psicanálise ser uma prática em fracasso. Não voltada para o fracasso, mas voltada para o reconhecimento de que há um real que organiza o desejo para que o sujeito possa construir suas pontes, fazer seu tecido de palavras sobre o abismo. Assim podemos entender a dialética da disjunção entre o significante que resulta da incidência do Nome-do-pai e o objeto que resta desta operação e que, por ser resto, não é menos causa do desejo.

Mais uma citação:

O desejo do analista não é um desejo puro. É um desejo de obter a diferença absoluta, aquela que intervém quando, confrontado com o significante primordial, o sujeito vem, pela primeira vez, à posição de se assujeitar a ele. Só aí pode surgir a significação de um amor sem limite, porque fora dos limites da lei, somente onde ele pode viver (Lacan, [1964] 1979, p. 260).

O desejo se sustenta, se afirma, por reconhecimento da falta. Um desejo se nomeia, para que esta falta não falte (nomeação que nos permite sair da angústia). Este desejo do analista sustenta a análise e se sustenta na possibilidade de vigência de um discurso, o do psicanalista, onde se articulem a palavra (o falo) – significante que se produz na travessia – e o objeto que a pulsão contorna e separa. Sustentar esta separação reconhecendo seus limites é nossa tarefa ética cotidiana, na solidão do ato e na presença dos pares. O que nos leva a fazer aproximações até mesmo com a dialética do Amo e do Escravo trabalhada por Lacan: “é no sentido de algum parentesco que teremos que dirigir nosso olhar para o escravo, quando se trata de discernir o que é o desejo do analista” (Lacan, [1964] 1979, p. 241). Escravo, no sentido de que esta dialética está inscrita em nossa cultura; no instante em que alguém toma a palavra ela se estabelece. Num primeiro momento, reconhecemos seus efeitos imaginários inevitáveis; pois a subjetividade se organiza fantasmaticamente. No tempo posterior, no trabalho de passagem, somos confrontados com a disposição simbólica: Amo é uma forma de discurso, um dos quatro discursos que organizam nossas relações sociais; e a menção à proximidade da posição do escravo feita na cita acima só pode ser tomada em sua dimensão simbólica, quando somos assujeitados ao significante.

O desejo de obter uma pura diferença é o que nos leva a interrogar esta função: desejo do analista.

Coda ou resto a ser trabalhado.

Ainda valeria a pena mencionar duas questões que não serão desenvolvidas aqui, mas que fazem parte das vias de trabalho que se abrem, citadas no início deste texto. A primeira, ainda do *Seminário 11*; o inconsciente freudiano é da ordem do não-realizado. O que nos leva a pensar que o inconsciente, se seguirmos a lógica desdobrada até aqui, está para ser realizado em cada análise que se inicia. Responsabilidade deixada por Lacan para que cada analista coloque algo de seu. Segundo tópico: quando Lacan (1975-76) elabora a noção de *sinthome* (grafia antiga da língua francesa), não se preocupa mais em situar o desejo do psicanalista especificamente. Por ser *sinthoma* da psicanálise⁴, o analista teria que elaborar sua articulação com Real, Simbólico e Imaginário. Reconhecer-se como efeito de um discurso, um quarto nó que enlaça os três registros, levanta uma série de interrogações e elaborações necessárias a respeito da psicopatologia, da clínica e, mais uma vez, da responsabilidade do psicanalista com a psicanálise. O que nos permite recorrer a um dos gênios da *alíngua*:

A linguagem e a vida são uma coisa só. Quem não fizer do idioma o espelho de sua personalidade não vive; e como a vida é uma corrente contínua, a linguagem também deve evoluir constantemente.

Isto significa que como escritor devo me prestar contas de cada palavra o tempo necessário até ela ser novamente vida. O idioma é a única porta para o infinito, mas infelizmente está oculto sob montanha de cinzas⁵.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *Écoute* (1977). In: _____. *Ouvres complètes*. Paris: Seuil, 1993. Tome 3.
- COLI, Jorge. "De que cor eram as meias de Hitler?". *Folha de São Paulo*, São Paulo, 15 out. 2006.
- LACAN, Jacques. *O seminário. Livro 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* [1964]. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- _____. "Do Trieb de Freud e do desejo do psicanalista" [1964]. In: LACAN. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1998.
- _____. *Le Sinthome – séminaire 1975-1976*. Paris: Éditions de l'Association Freudienne Internationale. (Publication hors commerce)
- _____. *O desejo e sua interpretação – seminário* [1958-59]. Porto Alegre: APPOA (Publicação não comercial)

Recebido em 08/02/2007

Aceito em 20/04/2007

⁴ Vide aula de 13/04/76, do seminário *O sinthoma*, de Lacan.

⁵ João Guimarães Rosa, citado por Bia Lessa em sua instalação Grande Sertão: Veredas, criada para o Museu da Língua Portuguesa.

TEXTOS

REPETIÇÃO: CONCEITO E CLÍNICA¹

Lúcia A. Mees²

Resumo: O conceito de repetição é trabalhado neste texto à luz do seminário de Lacan *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* e de outros apontamentos deste e de Freud. O trauma, o traço unário, o real e o significante se reúnem ao conceito citado, buscando mapear sua estrutura e sua clínica.

Palavras-chave: repetição, destino, tiquê, autômaton.

REPETITION: CONCEPT AND CLINIC

Abstract: Repetition is a concept that is worked at this text, which is enlightened by Lacan's Seminar *Psychoanalysis four fundamental concepts* as well as by other notes by Lacan and Freud. The trauma, the unary trace, the real and the significant join the cited concept, in order to draw a map of its structure and clinics

Keywords: repetition, fate, tiquê, automaton.

¹ Trabalho apresentado nas Jornadas Clínicas da APPOA – *Fundamentos da Psicanálise*, realizadas em Porto Alegre, outubro/2006.

² Psicanalista; Membro da APPOA; Autora do livro *Abuso sexual: trauma infantil e fantasias femininas*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001. e-mail: lmees@portoweb.com.br

“O destino é o acaso atacado de mania de grandeza”
Mario Quintana

A repetição, um dos quatro conceitos fundamentais propostos por Lacan (1985), tem, como de costume, seu início na obra freudiana. A partir do texto de Freud *Recordar, repetir e elaborar* ([1914] 1976) o conceito é nomeado. Antes disso ele já havia sido tangenciado ao longo dos seus escritos; porém, é em 1914 que Freud dá à *compulsão à repetição* o estatuto de conceito e a define como impedimento à recordação, bem como a associa à transferência.

[...] podemos dizer que o paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas expressa-o pela atuação ou atua-o (acts it out). Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação, repete-o, sem, naturalmente, saber o que está repetindo (Freud, [1914] 1976, p.196).

“Logo percebemos que a transferência é, ela própria, apenas um fragmento da repetição e que a repetição é uma transferência do passado esquecido” (idem, p.197).

Lacan retoma o conceito de *acting out* para designar uma especificidade da clínica e o faz sobretudo no seminário sobre a angústia (2005). Assim, redireciona a noção ao enfatizar o que ela diz sobre o fracasso da transferência. A *atuação* surge aqui no lugar da falha na escuta do analista, principal fonte de resistência. Se, no texto freudiano antes citado, a resistência do analisando – motivada pela transferência hostil ou excessivamente intensa – fazia barreira à elaboração, em Lacan ela é do analista, que, ao não escutar algo da transferência, leva o analisando à atuação. O *acting out*, portanto, guarda a marca da transferência, na medida em que ainda busca a interpretação, mas é também sinal do fracasso do campo discursivo e transferencial, pois extravasa para o campo motor aquilo que deveria ser fala (Mees, 2006).

A torção de Lacan, logo, conserva a relação entre transferência e *acting out*, porém desassocia a repetição a essas duas outras noções, relançando a indagação sobre a especificidade do repetir.

A repetição é algo que, em sua verdadeira natureza, está sempre velado na análise, por causa da identificação da repetição com a transferência na conceitualização dos analistas. Ora, é mesmo este o ponto a que se deve dar distinção (Lacan, 1985, p. 56).

De outro lado, ressalta-se que Freud marca – ao referir a repetição como não-rememoração – uma impossibilidade, a qual Lacan relacionará com o real.

Vejamos então como o *Wiederholen* [repetição] se introduz. *Wiederholen* tem relação com *Erinnerung*, a rememoração. O sujeito em sua casa, a memorialização da biografia, tudo só marcha até um limite, que se chama o

real. Se eu quisesse forjar diante de vocês uma fórmula spinoziana concernente ao de que se trata, diria – *cogitatio adaequata semper vitat eamdem rem*. Um pensamento adequado enquanto pensamento, no nível em que estamos, evita sempre – ainda que para se reencontrar em tudo – a mesma coisa. O real é aqui o que retorna sempre ao mesmo lugar – a esse lugar onde o sujeito, na medida em que ele cogita, onde a *res cogitans*, não o encontra (Lacan, 1985, p. 51).

Logo, a repetição envolve elementos que, anteriores a não lembrar, não se podem inscrever, pois não estão incluídos na cadeia significante, a qual permite representar; ao mesmo tempo em que a insistência busca incorporar a marca daquilo que se repete. Sinônimo de impossível de dizer ou impossível de pensar, a repetição envolve a função da *tiquê*; assim como alude ao *autômaton*, sinônimo da inscrição que a repetição pode produzir.

Freud, ao trabalhar sobre o além do princípio do prazer (1920/1976), já havia conduzido a indagação sobre a repetição para a inscrição do sem registro. Seu netinho, quando brincava com o carretel, repetia o gesto do lá e cá (*fort-da*) para representar a si próprio no movimento da ausência e presença.

Lacan interpreta esse jogo como o intuito de dar conta do irrepresentável da falta, bem como o associa à fundação do sujeito e do objeto. O carretel se transforma, assim, não tanto na mãe que se ausenta – como acreditava Freud – mas no próprio bebê que se constitui a partir da fenda aberta no desejo dela. Como efeito dessa construção, o pequeno objeto se desprende do que antes era colagem e um sujeito toma posição ativa.

Este carretel não é a mãe reduzida a uma bolinha [...] é alguma coisinha do sujeito que se destaca embora ainda sendo bem dele, que ele ainda segura. Se é verdade que o significante é a primeira marca do sujeito, como não reconhecer aqui – só pelo fato de esse jogo se acompanhar de uma das primeiras aparições a surgirem – que o objeto ao qual essa oposição se aplica em ato, o carretel, é ali que devemos designar o sujeito. A este objeto daremos ulteriormente seu nome na álgebra lacaniana – o a minúsculo (Lacan, 1985, p. 63).

As histórias infantis, repetidas à exaustão, da mesma forma, põem em pauta a criança que quer contar o que não se conta em cada conto. Contagem possível através da inscrição do traço unário, o qual, disse-nos Lacan (2003), é fonte da repetição.

Esse A maiúsculo, o A inicial enquanto é numerável, que aquele ciclo aí, e não outro, equivale a um certo significante; é nesse sentido que o comporta-

mento se repete para fazer surgir esse significante que é, como tal, o número que ele funda (Lacan, 2003, p.77).

Desde o tempo em que o caçador marcou a costela do cabrito montês com uma série de pequenos bastões³, indicando os animais abatidos⁴, os sujeitos apagam a *Coisa*⁵ com sua inscrição, quer dizer, com a possibilidade de tomar distância da referência direta ao objeto, até o ponto de sua representação. Conta-se para representar, representa-se para contar. Ao simbolizar, o sujeito se conta depois da série significante aberta a partir do *um* e constrói uma seqüência que se repete, ao mesmo tempo em que instala um intervalo não-enumerável.

Freud ([1976] 1920) referiu, ainda na temática da repetição, os traumatizados de guerra, que repetiam oniricamente as agruras das batalhas. Poderíamos reunir a estes, as vítimas atuais da violência urbana, os quais repetem diversas vezes os relatos dos assaltos, seqüestros e humilhações vividas, efeitos do fora de sentido e da iminência da morte. O sujeito reduzido à *Coisa* se põe de novo a contar histórias e jogar o carretel para assim tentar repor em seus lugares as simbolizações que organizam seu mundo. Assustadoramente quase reduzido ao bicho morto pelo caçador, o sujeito traumatizado redesenha o traço que lhe dá vida. Retraça, voltando a indagar o desejo do Outro e suas condições de fazer frente a ele: “Queria ele a perda?”, “Há gozo em submeter?”, “Tratar-se-ia de usurpar o que foi conquistado pelo sujeito?” “Ele só se satisfaria com a morte?” “Qual a posição adotada frente à violência, houve identificação com o

³ Lacan situa o osso marcado como posterior ao período Auragnaciano: “Esses bastões, que só aparecem muito mais tarde, muitos milhares de anos mais tarde, depois dos homens terem sabido fazer objetos com uma exatidão realista, que no período Aurignaciano desenharam bisões (...). É somente mais tarde que encontramos o rastro [trace] de algo que é, sem ambigüidade, significante” (Lacan, 2003, p.60).

“Fragmentos de carvão recolhidos de vários desenhos da gruta de Chauvet, na região de Ardèche, descoberta em dezembro de 1994, foram datados em cerca de 32 mil anos – empurrando para um passado ainda mais remoto o nascimento da arte. Esses resultados, obtidos a partir de obras bem-acabadas, contradiziam as teorias correntes sobre a arte paleolítica, ao mostrar que ela não tinha evoluído gradativamente até seu florescimento com a cultura magdaleniana. Ao contrário, desde o Aurignaciano (de 36 mil a 29 mil anos), a época em que os homens modernos se espalharam pela Europa Ocidental, os artistas dominavam perfeitamente as técnicas pictóricas” (Scientific American Brasil, n.31. dez. 2004).

⁴ Lacan relata no Seminário “A identificação” (2003) ter visto o osso marcado no Museu de Saint-Germain-em-Laye. Mais sobre o museu no site: www.musee-archeologienationale.fr

⁵ A *Coisa* “é o que do real primordial padece do significante” (Lacan, 1988, p.149). Ainda neste Seminário, Lacan distingue *das Ding* e *die Sache*, ambos traduzidos por “coisa”. Procuramos *das Ding*, mas encontramos *die Sache*, quer dizer, o último se constitui como objeto de desejo, mas de presença ilusória, já que preenche parcialmente o vazio de *das Ding*.

lugar proposto ou resposta ativa a ele?"; perguntam-se os analisandos pós-experiências de violência.

Essas situações extremas e suas relações ao trauma, porém, não são exclusivas desses eventos: elas são o segundo tempo que dá roteiro a um primeiro, no qual todo o sujeito foi miticamente o animalzinho do Outro. Outro que deteve a faca para marcar para a vida ou matar. Os dois tempos escrevem os significantes que marcaram o corpo do *infans*, permitindo-lhe inscrever a diferença com a *Coisa*. Por isso, não se trata de reprodução na repetição e, sim, da inscrição dessa diferença: a do animal e do humano, a da *Coisa* e o do objeto, a do sujeito e o do Outro, a da vida e da morte. Diferença que é (*a posteriori*) primeira: a do traço, a do sujeito que conta e a do jogo do objeto. Primeira a partir das posteriores, as quais aludem àquela e colocam o sujeito em posição de se perguntar sobre suas marcas e os limites delas.

Sendo assim, o traumatizado apenas nos mostra com lente de aumento o que se joga na repetição: a irrupção do real que faz voltar a indagar o desejo do Outro, a transmissão de suas marcas "até os ossos", a posição de um sujeito que conta e do objeto que se desprende nessa operação.

Como terceiro elemento para cercar a repetição, Freud ([1976] 1920) escreve sobre o destino: um tipo que acomete o sujeito sem sua participação e outro que ele produz. Exemplifica a primeira situação com o caso da mulher que casa três vezes com homens que tiveram de ser cuidados em seus leitos de morte; e pela epopéia de Tasso, na qual o herói mata por engano sua amada e depois o faz de novo ao golpear uma árvore que continha sua alma. Os exemplos do segundo tipo, ativo, são o do benfeitor sempre abandonado por seus protegidos ou do homem freqüentemente traído por amigos ou o amante cujos amores atravessam as mesmas fases e o mesmo desfecho, etc.

Esses dois destinos descritos por Freud parecem inspirar (além da referência explícita a Aristóteles⁶) a proposta de Lacan sobre a *tiquê* e o *autômaton*, a primeira como o que se produz à revelia do sujeito e é causa da repetição; e a segunda como própria da insistência (repetição) da cadeia significante, e que

⁶ Ambos os termos Lacan retira das quatro causas apontadas por Aristóteles como "os princípios das coisas" (causa formal, material, eficiente e final). A causa eficiente é o princípio ativo do movimento e do repouso. É aquilo que faz com que o ente se mova, atuando como agente externo que provoca o movimento. Quando o fogo aquece a água, o fogo é a causa eficiente do aquecimento da água. A causa eficiente inclui a causa accidental, que ele divide em dois tipos: *tyche* e *automaton*. Ambas são causas excepcionais a uma ordem, em relação a qual são desvio ou exceção.

indica o sujeito em questão. Enquanto o *autômaton*⁷ se associa ao princípio do prazer freudiano, ou seja, à redução da tensão psíquica ao seu mínimo, a *tiquê* refere-se às experiências desconcertantes, desestabilizadoras do sujeito. O *autômaton* supõe o sujeito situado em determinado lugar e ligado a uma resposta sobre quem é, bem como, ao horizonte que a cadeia significante aponta.

As duas causas, ou dois destinos, associam-se, pois, ao objeto (tipo passivo) e ao significante (tipo ativo). Quando o significante intervém, assinalando um sujeito, deixa como resto o objeto, traçando daí dois caminhos: o que liga o sujeito às palavras do Outro e o que se relaciona ao objeto faltante. Pois nada permite capturar o objeto mediante uma elaboração significante, há aí uma heterogeneidade radical, abrindo-se dois percursos. Um é a trilha do *autômaton*, a qual faz crer ao sujeito que, se ele repassar uma e outra vez os significantes, terá pistas sobre o ponto final e o inicial de sua rota e, conseqüentemente, de qual o seu lugar próprio. Porém, nessa direção não há previsão fechada ou destino imutável, assim como não há resposta definitiva sobre o ser do sujeito. O caminho que se descortina está de acordo com o recorte que o sujeito fez dos significantes do Outro, quer dizer, ela não é infinita, mas passível de múltiplas combinações. A diferença implicada no significante é aqui mudança de rota em potencial. O significante estabelece as bordas da estrada; o modo de percorrê-la pode ser plástico, flexível.

Ao analisar o conto de E.A.Poe, *A carta roubada*, Lacan (1978) situa o jogo entre os personagens segundo as diferentes posições que ocupam, relacionando-os à carta (letra) e aos instantes do circuito simbólico. Cada volta do “destino”, torna o homem um outro, de acordo com o lugar que ocupa em relação à carta (ao significante). Determinado pela letra, o sujeito a segue, estruturando-se em torno dela, ao mesmo tempo que as voltas discursivas permitem-lhe definir um novo traçado em sua rota.

É exatamente o que se passa no automatismo de repetição. O que Freud nos ensina [...] é que o sujeito segue a rota do simbólico [...] e o deslocamento do significante determina os sujeitos nos atos, no destino, nas recusas, nas cegueiras, no sucesso e na sorte, não obstante seus dons inatos e seu crédito social, sem consideração para o caráter ou o sexo, e que, quer queira quer não, seguirá o curso do significante com armas e bagagens (Lacan, 1978, p.37).

⁷ A noção de *autômaton* não está muito presente no Seminário “Os quatro conceitos fundamentais”, diferentemente da *tiquê*, que tem mais relevância nestas aulas de Lacan. O *autômaton* estava mais referido em Seminários anteriores, mas em 1964 aparece apagado sob a *tiquê* e sua relação com o real, fundamental no Seminário citado.

Nos momentos em que o sujeito se fixa a um destino, entretanto, o significante se descaracteriza de sua condição de pura diferença para lhe serem aderidas significações estritas, como fazem os sintomas. São estes que, por suas repetições, afirmam ao sujeito que ele pode antever onde chegar, pois seu *script* restrito limita o destino, fixando-o na mesmice. Fiel à lógica de que só há previsão de destino quando ele se concretiza, o sintoma realiza o mesmo para afirmar que havia um Outro a carregar o sujeito para um fim específico: leva ao mesmo final para fazer crer que há sempre o mesmo na origem.

Como na faixa de Möbius, a determinação significante está em continuidade com a aderência dos sentidos sintomáticos, o que leva Lacan (1984) a afirmar o sintoma como retorno da verdade, propondo assim que sua interpretação deve ser da ordem do significante. A operação de corte-interpretação libera o significante do significado, delimitando a cadeia significante, ou seja, diferencia determinação significante e aprisionamento sintomático.

A analisante que diz ter nascido para “dar alegria aos pais”, conforme escutou na sua infância, oscila entre aderir a essa significação fechada – sintomatizando em ser forçosamente feliz, sem estabelecer relações para além da superficialidade gentil – e entre considerar essa dita razão para sua existência apenas como expressão do desejo do Outro, toque que dá vida. Aos poucos se dá conta de que o “feliz” está na forma como toma o significante: se para se aprisionar ao outro que disse e forjando aí uma demanda (perseguindo ser a alegria do pai e de nenhum outro homem, por exemplo); ou se para indicar uma marca que a lança na busca de uma vida desejavelmente feliz, o que supõe valer-se do dito, mas também ir além dele.

Na outra trilha – a da *tiquê* – o sujeito não está, a busca é a do objeto. O destino lhe chega de fora, desde o real, determinando um horizonte, sendo sua causa. A *tiquê* é causa e destino na medida em que o encontro com o real acarreta não somente o que as palavras não podem nomear, mas também o que as palavras produzem, pois o real é um efeito do significante: é só depois do emprego do significante que o real já estava ali.

Primeiro a *tiquê* que tomamos emprestada [...] do vocabulário de Aristóteles em busca de sua pesquisa da causa. Nós a traduzimos por *encontro com o real*. O real está para além do *autômaton*, do retorno, da volta, da insistência dos signos aos quais nos vemos comandados pelo princípio do prazer. O real é o que vige sempre por trás do *autômaton*, e do qual é evidente, em toda pesquisa de Freud, que é do que ele cuida (Lacan, 1979, p.56).

A *tiquê* marca o encontro faltoso com o real, que repete porque este não deixa de não se inscrever. Ela rompe o encadeamento-homeostase dos significantes e abre um buraco na possibilidade de dizer. Enquanto Freud (1976/1920) falava em energia não-ligada, Lacan pondera sobre o fora da cadeia significante:

“[...] em Freud, é desta forma que aparece o real, a saber, o obstáculo ao princípio do prazer. O real é o choque, é o fato de que isso não se arranja imediatamente, como quer a mão que se estende para os objetos exteriores” (Lacan, 1985, p. 159).

Duas cenas, de duas analisandas, podem servir de ilustração ao tema da repetição: na primeira ela é levada, na infância, por seu tio, ao porão silencioso de sua casa e lá ele lhe toca os genitais; na segunda, a outra, no escuro de seu quarto de criança, é despertada ao ser tocada eroticamente pelo irmão.

As mostras de retorno do real, no primeiro caso, se dão no encontro com alguns silêncios, com os quais ela vive episódios quase alucinatórios, pois tem a impressão de escutar sussurros, esboços de convites a retornar ao porão. O silêncio acompanha sua indagação sobre a razão de o parente ter feito o que fez e por que com ela, não encontrando resposta. O que esse Outro desejaria, se silencia e se age sem responder por seus atos?

No segundo caso, o escuro da noite lhe causa angústia e, às vezes, acorda aterrorizada, por momentos não sabendo quem é, nem onde está. A referência do Outro, a partir da qual se olhar e se nomear, torna-se obscura e o sujeito vacila.

Trago os dois pequenos fragmentos de casos porque eles juntos podem configurar o real do qual se trata na repetição: silenciosa e cega, a *tiquê* marca o ponto de ruptura entre a imagem e a linguagem.

As cenas revelam aquilo que no Outro não responde, o ponto cego de seu desejo: há um não representado no sujeito, a que a insistência do real alude. Repetir repõe o tempo da inscrição do Outro e do sujeito, reatualizando o anseio de que este dê a ver e escutar o que deseja, pois o real e sua primeira incógnita é o que se é como objeto de gozo para o Outro.

O traço inscrito não explicita nada a não ser a diferença. Não revela, apenas marca, deixando a incógnita de sua tradução. E repete, como se pudessem mudar o destino que o gesto deflagrou. E repete, encontrando de novo a falta que o encontro falho não apagou.

As cenas de abuso dos casos citados têm a particularidade de se prestarem para que os sujeitos falem de seu “início” traumático, difícil, objetal, pleno de indagações. Tais cenas permitem falar da submissão radical ao Outro e de sua divisão: aquele que pode marcar para a vida e para a morte se transforma em amado e odiado. Aquele que abusa – nas cenas que se aproximam da

inscrição do traço – é figura particularmente importante na economia psíquica do sujeito: é amado, freqüentemente, porque significou aquele que sustentou o sujeito pelo seu desejo, quando outros não o fizeram. Subitamente, o amado se revela “querendo tirar proveito”, revelando a face mortífera do gozo. Vida e morte se encenam na figuração do amor doador e do gozo usurpador.

Retomando o seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1985), diz Lacan que o real é o que suporta a fantasia, e a fantasia é o que protege o sujeito do real.

“O lugar do real vai do trauma à fantasia, na medida em que a fantasia nunca é mais que a tela que dissimula algo de absolutamente primeiro, de determinante na função da repetição” (p.61).

Em um segundo tempo, por efeito do trauma do silêncio e do escuro, da ausência de imagem e de palavras, há a construção da fantasia, enquanto versão do que o Outro desejaria se dissesse, se revelasse. A voz e o olhar podem dar, assim, uma forma ao escuro e ao silêncio. Pois é *a posteriori* que uma versão irá, em parte, compor-se. A outra parte segue sendo a inscrição do real na estrutura e o *objeto a*, que resta silente e obscuro.

A repetição-*tiquê* na cura analítica, sinal da fantasia, indica o caminho do seu atravessamento.

Atravessar, nesses casos, implicaria um silêncio que é quietude, pois o Outro a fazer falar não está, não tem a palavra final sobre o sujeito. O escuro, longe de ser terrífico, pode ser repousante. Descanso de corresponder ao que quer supor que deveria. Mas, para isso, o sujeito há de suportar não ter destino traçado, ao mesmo tempo em que há de tolerar ser surpreendido por novos caminhos abertos pelo real.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *A ética – textos selecionados*. Bauru: Edipro, [s. d.].
- FREUD, S. Além do princípio do prazer (1920). In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro, Imago, 1976.
- _____. Recordar, repetir e elaborar (1914). In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro, Imago, 1976.
- LACAN, J. *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- _____. *A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- _____. *A identificação: seminário 1961 – 62*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.
- _____. *A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- _____. Seminário sobre “A carta roubada”. *Escritos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- _____. Del sujeto por fin cuestionado. *Escritos I*. Mexico: Siglo veintiuno, 1984.
- MEES, L. As origens da repetição. *Correio da APPOA* n° 151, outubro/2006.

Recebido em 05/02/2007

Aceito em 14/05/2007

TEXTOS

A FORMAÇÃO DO CONCEITO DE RECALQUE EM FREUD¹

Elaine Starosta Foguel²

Resumo: Este trabalho situa epistemologicamente o conceito freudiano de recalque inserido nas ciências da natureza e, ao mesmo tempo, situado numa nova racionalidade científica. A relação do freudismo com a construção científica terá que passar pela escritura, tanto aquela que a linguagem opera na constituição do psiquismo, quanto a escritura dos aparelhos de descrição, formalização, abordagem e articulação da experiência clínica com a construção dos conceitos.

Palavras-chave: recalque, epistemologia, construção de conceito, ciência da natureza, nova racionalidade.

THE FORMATION OF THE CONCEPT OF REPRESSION IN FREUD

Abstract: This work situates epistemologically the Freudian concept of repression as it has been included in the nature sciences and, at the same time, as a new scientific rationality. The relationship between Freudism and the scientific construction needs to pass through the writing, the writing that is operated by the language in the psychism constitutions, as well as the writing of devices of description, formalization, approach and articulation between the clinical experience and concept construction.

Keywords: repression, epistemology, concept construction, science of nature, new rationality.

¹Trabalho apresentado nas Jornadas Clínicas da APPOA – *Fundamentos da Psicanálise*, realizadas em Porto Alegre, outubro/2006.

²Psicanalista; Membro da APPOA; Especialista em Clínica da Dor; Mestranda em Filosofia da Ciência – UFBA. E-mail: elainefoguel@terra.com.br

Viena, 28 de maio de 1888.

Caro amigo e colega [a Fliess]

[...] Não aprendi o bastante para ser médico clínico e há em meu desenvolvimento médico uma falha, que mais tarde foi trabalhosa-mente remendada. Consegui aprender o bastante para tornar-me neuropatologista [...]. Além disso, o hábito da pesquisa, ao qual sacrifiquei muitas coisas, minha insatisfação com o que se ofere- ce ao estudioso e a necessidade de entrar em detalhes e de exer- cer um juízo crítico interferem em meus estudos (Freud, *apud* Masson, 1986, p.23-24).

Em 1873, aos 17 anos de idade, Freud ingressou na Escola de Medicina da Universidade de Viena. Já no primeiro semestre, Von Brücke foi seu profes- sor de fisiologia. No semestre seguinte, mais 28 horas semanais de *fisiologia*, e um seminário semanal de filosofia com Brentano. O quarto semestre o encon- trou estudando lógica aristotélica e mais onze horas semanais de fisiologia e outras tantas de zoologia, com Carl Claus. Esse padrão de dedicação à fisiolo- gia, à zoologia e às conferências de Brentano repetiu-se ao longo de seus estu- dos. Em 1876, aos 20 anos, surgiu-lhe a primeira oportunidade de um estágio na Estação Zoológica Experimental de Trieste (Jones, 1989), isto é, no laborató- rio de Carl Claus; durante dois verões ele recebeu uma bolsa para pesquisar a existência das gônadas das enguias: encontrou-as. “Trabalho mecânico que, vinte anos mais tarde, julgou vão e insípido; mas serviu como a prova de inicia- ção ao hábito da ciência especializada [...]” (Assoun, 1983, p.115).

Viena, 6 de agosto de 1876.

Caro amigo, [a Wilhelm Knöpfmacher]

[...] Durante estas férias passei para outro laboratório, onde estou me preparando para minha verdadeira profissão: esfolar animais ou torturar seres humanos, e vejo-me cada vez mais a favor dos primeiros (Freud, ([1976]1982), p. 22).

No retorno de seu segundo verão em Trieste, Freud foi aceito no Instituto de Fisiologia de Brücke, que lhe designou pesquisar o tecido nervoso, a estrutu- ra e a função da célula nervosa no sistema nervoso dos animais superiores.

Von Brücke era muito mais do que um emérito pesquisador; ele represen- tava o pensamento científico da Escola de Medicina de Helmholtz, fez parte da fundação e integrava o grupo de cientistas alemães que aplicaram com sucesso a metodologia positivista ao mundo da biologia e da fisiologia: a pesquisa e o

esclarecimento dos fatos fisiológicos visavam à descrição do funcionamento e dos efeitos das forças físico-químicas.

A fisiologia é, para Brücke, animador da Sociedade Berlinense de Física nos anos 1845, uma extensão da física. Ela tem por objeto sistemas físico-químicos particulares, os organismos, dotados de propriedades especiais, como a faculdade de assimilação; [...] O fisiólogo não é outro senão o físico dos organismos. Aquilo que une esses campos é o princípio de conservação de energia, em virtude do qual a soma das forças permanece constante em todo sistema isolado (Assoun, 1983, p.116).

Lá, Freud trabalhou durante seis anos. A formação e a prática profissionais de Freud eram muito mais a de um cientista pesquisador do que a de um médico clínico. Assoun (1983) enfatiza e adverte que não é suficiente, para uma avaliação epistemológica da construção freudiana, apenas citar e atribuir ao *rigor científico* e à *concepção fisicalista* adquiridos nesse tempo o advento do freudismo; pois isso não preenche a necessidade de localizar o que foi a *novidade* da identidade epistemológica da psicanálise: “[...] porque a questão é saber como, precisamente, esse quadro se transferirá para a investigação propriamente analítica” (Assoun, 1983, p.116).

Não houve, na construção do corpo teórico psicanalítico, a continuidade metodológica do laboratório aplicada a um outro objeto desconhecido, objeto esse que estaria em *algum lugar*, aguardando um método que o revelasse. Nesse sentido, reconhecer a filiação não é suficiente para descrever a ruptura epistemológica em relação à fisiologia positivista que Freud operou ao construir sua doutrina.

No laboratório de fisiologia, Freud laminava, tingia, ampliava, olhava, descrevia as formas e as funções das células nervosas na mais estrita tradição galileana de localizar, aproximar, observar e formalizar geometricamente, e sobre essa formalização, teorizar, equacionar, calcular e prever o comportamento de um objeto que sempre esteve lá, na natureza, à espera de um instrumento que o desvelasse.

O freudismo, por sua vez, é uma teoria construída a partir do conceito fundamental de *recalque*. E o objeto de estudo dessa teoria é a grande metapsicologia de Freud. A metapsicologia não estava *encoberta* por ser distante demais, como os planetas, ou por ser minúscula demais, como o neurônio. Ela simplesmente não existia. A neurose existia; a psicose também. Mas a metapsicologia não.

O *recalque*, no sentido cultural e comportamental, como defesa ou fuga, poderia até ser destacado na poesia ou na filosofia; mas o *recalque* primário, base do grande maquinário metapsicológico, com seus três aspectos, tópico, dinâmico e econômico, foi uma construção de Freud. Nem descoberta, nem invenção.

A metapsicologia é uma escritura através da qual Freud construiu o aparelho mental inconsciente determinado pelo *recalque* primário e, ao mesmo tempo, descreveu o seu funcionamento complexo. É também através dessa escritura que o psicanalista lê o que escuta nas sessões; também é através dela que se articulam os conceitos entre si e com a clínica. Assim, estudar os conceitos de escritura é aproximar-se da essência da razão freudiana.

Desse modo e nesse contexto, a palavra *construção* não pode e não deve ser substituída por *invenção*. Não parece que Freud tenha feito uma invenção, pois o corpo teórico partiu da experiência clínica: foi determinado pelo real que irrompeu através do dispositivo da sessão freudiana, isto é, pela *neurose de transferência*.

Já não se encontra aqui o terreno metodológico da ciência moderna, mas uma outra racionalidade, descrita por Bachelard como *novo espírito científico* na física e na química, na virada do século XIX para o XX. O que é o novo espírito científico? Como é a passagem metodológica da ciência moderna, para o novo espírito científico?

De acordo com Elyana Barbosa, no seu trabalho sobre a epistemologia bachelardiana, um *novo espírito científico* inaugura-se através da teoria da relatividade e da teoria quântica, na medida em que a tarefa laboratorial começou a “constituir o objeto enquanto tal” (Assoun, 1983, p.122).

O objeto da ciência contemporânea necessita ser qualificado: nada há de ingênuo ou de imediato nele. Na contemporaneidade, o real a ser estudado é construído no laboratório do cientista; aqui, o significante *construção* é o núcleo e a chave do andamento desse saber: o cientista *constrói* ferramentas através das quais *constrói* o laboratório e purifica o objeto. No laboratório ele experimenta e testa suas teorias – nesse real por ele edificado – denominado por Bachelard ([1934] 2000, p.14) de “realismo de segunda posição”.

Ora, essa racionalidade se verá repetir na construção da psicanálise: o *instrumento de observação e leitura* dos efeitos leva à construção do objeto da ciência.

Dessa forma, verifica-se a anterioridade do procedimento em relação ao objeto de estudo. Esse tipo de acontecimento na ciência é descrito por Bachelard ([1934]2000) como fenômenos técnicos: “[...] fenômenos criados por uma técnica, são *fenômenos-técnicos*. À medida que a realidade científica é construída,

há uma produção teórica de conceitos” (Barbosa, 1996, p.64). Assoun (1983) reforça que “[...] é o instrumento que constitui o objeto” (p.122).

O epistemólogo francês Georges Canguilhem (1977) afirma que a história da ciência e a epistemologia, ao pesquisarem a formação de um conceito, devem distinguir entre a descrição do fenômeno, o estudo experimental e as ligações funcionais, a formulação do conceito, a generalização do conceito em uma teoria.

Nesse mesmo texto, ele chama a atenção para um preconceito muito difundido na história da ciência, de que um conceito só pode aparecer no contexto de uma teoria, o que obviamente contradiria o esquema acima, no qual a teoria é a última etapa da generalização.

Em concordância com essas etapas, e apesar da noção inicial que Freud tinha da existência dos processos inconscientes, como se verifica no seu artigo com Breuer ([1893]1981), o conceito de *recalque* no freudismo foi anterior em duas décadas à formulação da primeira teoria completa do funcionamento mental do inconsciente.

Viena, 8 de outubro de 1895.

Caríssimo Wilhelm,

E agora, quanto aos dois cadernos de notas. Enchi-os por inteiro com meus rabiscos de uma só assentada, depois de minha volta, e eles pouco lhe trarão de novo. Estou guardando um terceiro caderno, que trata da psicopatologia do recalçamento, pois ele só investiga seu tópico até certo ponto. A partir daí tive que trabalhar outra vez nos novos rascunhos e, nesse processo, fiquei alternadamente orgulhoso e exultante e envergonhado e abatido – até que agora, depois de um excesso de tortura mental, digo a mim mesmo com apatia: ainda não está e talvez nunca fique coerente. O que ainda não está coerente não é o mecanismo – posso ser paciente quanto a isso -, e sim a elucidação do recalçamento – cujo conhecimento clínico fez grandes progressos em outros aspectos (Freud, *apud* Masson, 1986, p.142).

Um dos primeiros usos da palavra *recalque* se encontra na *Comunicação preliminar*, escrita por Freud e Breuer a partir de casos clínicos de ambos, e que foram publicados em 1893. O *recalque* é anterior ao *inconsciente* em três níveis pelo menos: historicamente, como conceito na história do freudismo; metodologicamente, como sendo o conceito que diferencia, motiva e sustenta a pesquisa de uma grande teoria articulada; e logicamente – pois na constituição de cada

subjetividade o *recalque* primário é condição do funcionamento do inconsciente. No *Rascunho K*, de 1º de janeiro de 1896, Freud teoriza:

As principais diferenças entre as várias neuroses aparecem na maneira como retornam as idéias recalçadas; outras se evidenciam no modo como se formam os sintomas e no rumo tomado pela doença. Mas o caráter específico de uma determinada neurose reside na maneira como se realiza o recalçamento (Freud, *apud* Masson, 1986, p.165).

Ora, a referência à epistemologia de Canguilhem envia à questão de se a psicanálise pode ser estudada pela história das ciências: existe uma epistemologia freudiana?

Paul-Laurent Assoun defende que sim, que há uma metodologia de construção de conceitos consistente ao longo da obra, coerente com a experiência clínica, a ser apreendida do texto freudiano. Além disso, o próprio Freud sempre considerou sua teoria como uma ciência da natureza, *Naturwissenschaft*. Vê-se que, como uma série de bonecas russas, novas questões vão surgindo da questão anterior; sendo a última “a psicanálise é uma ciência?”, questão que se quer ter como horizonte, mas sobre a qual não deve haver precipitação nem pressa; pois ela sustenta a pesquisa.

O *Projeto para uma psicologia científica*, de 1895, conforme Gabby Jr. (2003), inicia com a frase “O propósito é fornecer uma psicologia científica e naturalista” (p.175), e quatro décadas mais tarde, em 1938, no artigo *Algumas lições elementares de psicanálise*, Freud continuava a afirmar: “É simplesmente como as coisas acontecem nas ciências naturais. Também a psicologia é uma ciência natural. O que mais pode ser?” (Freud ([1938] 1981), p.316).

Apesar de a consideração freudiana ser o ponto de partida para o debate, isso não fecha a questão, uma vez que:

1. Os conceitos freudianos não se fazem corresponder por equações matemáticas, como na física e na química;
2. Os eventos do inconsciente freudiano não se superpõem a um substrato fisiológico, como pretendem os médicos e mesmo os psiquiatras em relação a seus campos;
3. O sujeito do inconsciente não é estatístico e não se oferece à pesquisa epidemiológica, apesar de que as formações do inconsciente talvez sejam a mais generalizada das epidemias humanas;
4. O tratamento psicanalítico não é observável, e não se dá a ser descrito, testado e quantificado pela psicologia do comportamento; como ele ocorre

na transferência, qualquer observador no tratamento, por mais escondido por de trás do espelho do pesquisador da psicologia, constituiria uma censura à livre associação e um bloqueio à escuta analítica.

No entanto, após o abandono do *Projeto*, tentativa fracassada de compor uma base neurofisiológicofiscalista para suas teorias em construção, Freud não abriu mão do cientificismo.

Viena, 29 de novembro de 1895.

Querido Wilhelm

[...] Estou em excelente forma para trabalhar, tenho nove a onze horas de trabalho árduo e seis a oito casos analíticos por dia – coisas lindíssimas, é claro; toda sorte de materiais novos. Estou inteiramente perdido para a ciência [...] Não entendo mais o estado mental em que maquinei a psicologia; não consigo conceber como posso tê-lo infligido a você. Creio que você está sendo polido demais; para mim, parece ter sido uma espécie de loucura. A solução clínica das duas neuroses provavelmente se manterá, depois de algumas modificações (Freud, *apud* Masson, 1986, p.153).

Octave Mannoni (1994) escreve que

[...] no fundo, Freud estava tentando uma conciliação complicada: escapar à prática médica, e opor-se às idéias da época, mas para se fazer reconhecido, afinal de contas pelo mundo da ciência e da medicina. Sabemos que não conseguiria isso facilmente (p.30).

Essa afirmação deve ser tomada com muita cautela, pois leva a crer que Freud buscou um cientificismo que não lhe era original, com a intenção de se fazer reconhecer pelo mundo das pessoas sérias. Ora, seu principal ofício ao longo de duas décadas havia sido o laboratório, a fisiologia, o tecido nervoso, a publicação científica. De 1877 até 1897 ele publicou 20 artigos de neurologia (Mannoni, 1994) entre os quais *A afasia*, em 1891: dos vinte e um anos de idade até os quarenta e um, sua vida passara pelas lentes do microscópio. Freud não sabia absolutamente fazer outra coisa que não *Naturwissenschaft*.

Logo, a ciência que ele construiria, e com a qual ele se debateu até o fim, teria que apresentar um *outro cientificismo*, por ele igualmente formalizado. Isso leva ao total ineditismo, de teoria e método, e que constituiu uma nova razão.

Após desistir da superposição do psiquismo ao sistema nervoso, Freud entrega-se à teoria dos sonhos. No entanto, pela resposta que escreve ao amigo, é evidente que Fliess continuava a exigir dele uma formalização organicista:

Viena, de 22 de setembro de 1898.

Querido Wilhelm

Não estou nem um pouco em desacordo com você, nem tenho a menor inclinação a deixar a psicologia suspensa no ar, sem uma base orgânica. No entanto, à parte essa convicção, não sei como prosseguir, nem teórica, nem terapeuticamente, de modo que preciso comportar-me como se apenas o psicológico estivesse em exame. Porque não consigo encaixá-lo [o orgânico e o psicológico] é algo que nem sequer comecei a imaginar (Freud, *apud* Masson, 1986, p. 327).

A exigência de um apoio biológico sofre mudanças ao longo do amadurecimento da teoria: em 1914, Freud já defende um outro ponto de vista, que será a sustentação metapsicológica: “Tento em geral manter a psicologia isenta de tudo que lhe seja diferente em natureza, inclusive das linhas biológicas de pensamento” ([1914] 1981, p. 95).

Seria falso, no entanto, afirmar que o psiquismo inconsciente permaneceu *suspense no ar*, o *edifício* está construído sobre os alicerces das *representações* de palavras e de coisas, isto é, construído por modos de inscrição que a linguagem opera ao mesmo tempo como *estruturação* e como *marca da singularidade*. No texto metapsicológico, Freud alcança a sua base científica:

[...] a apresentação consciente abrange a apresentação da coisa mais a apresentação da palavra que pertence a ela, ao passo que a apresentação inconsciente é a apresentação da coisa apenas. O sistema *Ics.* contém as catexias da coisa dos objetos, as primeiras e verdadeiras catexias objetais; o sistema *Pcs.* ocorre quando essa apresentação da coisa é hipercatexizada através da ligação com as apresentações da palavra que lhe correspondem (Freud [1915] 1981, p.230).

É difícil ignorar que qualquer tentativa de estabelecer a relação do freudismo com a construção científica terá que passar pela questão da escritura, tanto aquela que a linguagem opera na constituição do psiquismo, quanto a escritura dos aparelhos de descrição, formalização, abordagem e articulação

da experiência clínica com a construção dos conceitos. A pesquisa sobre a função da escritura não poderá prescindir do texto de Derrida (1967), *Freud e a cena da escritura*.

O *Projeto* foi o primeiro desses aparelhos de escritura, a *Metapsicologia* não foi o último, mas foi o que estabeleceu, em uma teoria complexa, grande número de conceitos e funcionamentos que até hoje são diferenciais entre a psicanálise e outros campos, ao descrever, localizar e articular os conceitos de recalque primário e de recalque secundário na psique.

REFERÊNCIAS

- ASSOUN, Paul-Laurent. *Introdução à epistemologia freudiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- BACHELARD, Gaston. (1934) *O novo espírito científico*. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 2000.
- BARBOSA, Elyana. *Gaston Bachelard, o arauto da pós-modernidade*. Salvador: Editora da UFBA, 1996.
- BREUER, Josef. Representações inconscientes e representações inadmissíveis à consciência – divisão da mente. Considerações teóricas. In: *Obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 2.
- CANGUILHEM, Georges. *La formation du concept de reflexe aux XVII et XVIII siècles*. Paris: Vrin, 1977.
- DERRIDA, Jacques. Freud, a cena da escritura. In: _____. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1967.
- FREUD, Ernest (org). *Correspondência de amor e outras cartas, 1873-1939*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: _____. *Obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 14.
- _____. O inconsciente (1915). In: _____. *Obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 14.
- _____. Algumas lições elementares de psicanálise (1938). In: _____. *Obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 23.
- GABBI JR., Osmyr. *Notas a Projeto de uma psicologia (1959 [1895]): as origens utilitaristas da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- JONES, Ernest. *A vida e a obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1989.
- MANNONI, Octave. *Freud, uma biografia ilustrada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- MASSON, Jeffrey Moussaieff. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

Recebido em 12/02/2007

Aceito em 06/04/2007

TEXTOS

**TRANSFERÊNCIA,
VERBO INTRANSITIVO¹**

Maria Cristina Poli²

Resumo: Enquanto referida ao afeto, a experiência amorosa é dirigida a um ideal que situa os contornos do vai-e-vem do reflexo no espelho. Jogos especulares entre transferência e contratransferência que reconstituem a integridade do eu na mesma medida em que denegam a parcialidade da pulsão. Experiência enganosa que orienta o desejo de Freud na procura pela verdade; amor duvidoso – “não é a mim que ela ama mas a um outro a quem substituo” – que situa os rumos de sua busca por uma certeza.

Palavras-chave: transferência, pulsão, desejo do analista, escrita.

TRANSFERENCE, INTRANSITIVE VERB

Abstract: As referred to the affect, the love experience is directed towards an ideal that situates the boundaries of the see-saw of the mirror reflection. Specular games between transference and countertransference that reconstitute the integrity of the I as well as deny the partiality of the drive. Misleading experience that orients Freud's desire in the search of truth; doubtful love – “it is not me that she loves, but another whom I substitute” – that situates the courses of his search for a certainty.

Keywords: transference, drive, desire of the analyst, writing.

¹ Trabalho apresentado nas Jornadas Clínicas da APPOA – *Fundamentos da Psicanálise*, realizadas em Porto Alegre, outubro/2006.

² Psicanalista ; Membro da APPOA; Professora do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS; Pesquisadora do CNPq; Autora dos livros: *O espírito como herança* (Edipucrs, 1998), *Clinica da exclusão* (Casa do Psicólogo, 2005), *Diferença sexual* (Jorge Zahar, 2007). E-mail: crispoli@plugin.com.br

Vim ensinar o amor como deve ser. Isso é que eu pretendo (...). O amor sincero, elevado, cheio de senso prático, sem loucuras. Hoje, minha senhora, isso está se tornando uma necessidade desde que a filosofia invadiu o terreno do amor! Tudo o que há de pessimismo pela sociedade de agora! Estão se animalizando cada vez mais. Pela influência às vezes até indireta de Schopenhauer, Nietzsche... embora sejam alemães. Amor puro, sincero, união inteligente de duas pessoas, compreensão mútua. E um futuro de paz conseguido pela coragem de aceitar o presente (Andrade, 1927/1983, p.47).

Com essas palavras – que Mário de Andrade coloca na boca de *Fräulein* –, a governanta contratada para ensinar o amor ao jovem Carlos define a sua missão. Essa “professora do amor”, fiel aos ideais românticos de sua pátria natal, sintetiza a ironia do autor em uma figura dividida entre o gozo de paixões inconfessadas e o usufruto dos ganhos financeiros projetados num sempre incerto desejo de retorno a seu país de origem. Imagem antitética àquela que ela busca transmitir a seu jovem iniciado: a pureza de um amor desinteressado, base moral de um lar sagrado. Personagem desconfortável que Mário de Andrade se apressa em se desresponsabilizar pela própria criação:

Que mentira, meu Deus! Dizerem *Fräulein* personagem inventado por mim e por mim construído! Não construí coisa nenhuma. [...] Um dia, era uma quarta-feira, *Fräulein* apareceu diante de mim e se contou. [...] São os personagens que escolhem seus autores e não estes que escolhem suas heroínas. Virgulam-nas apenas, para que os homens possam ter delas conhecimento suficiente (p. 49).

E apela a Freud para justificar os contrastes do caráter de Elza, a *Fräulein* imoral: “não existe mais uma única pessoa inteira nesse mundo e nada mais somos que discórdia e complicação” (p. 50).

O intransitivo do verbo amar se refere, na pena do poeta, ao romantismo encobridor propagado aos quatro ventos pela governanta interesseira. Por sob o véu do discurso do ideal amoroso, do amor pleno e sagrado, o desfrute de suas fantasias. Personagem desconfortável mas nem por isso menos simpática. A mentira não é apenas sua; a ela também é interdito viver o verdadeiro amor que sente por Carlos. Assim que, por vias tortas, a mútua desilusão amorosa acaba por acertar o alvo – algo aí se

transitiva³ – promovendo o amadurecimento do jovem Carlos.

As dessimetrias, enganos e decepções, relativas ao discurso amoroso já foram cantadas em prosa e verso por diversos autores. Roland Barthes – autor de *Fragmentos do discurso amoroso* (1988) – conta-se entre eles. É a um outro de seus textos, no entanto, que dedicaremos nossa atenção: *Escrever, verbo intransitivo?* “A literatura, escreve Barthes, é ciência não mais do coração humano, mas da fala humana” (Barthes, [1984]2004, p.25). Também na psicanálise, nos diz Lacan, trata-se de atentar aos significantes, não aos afetos. Estes, Freud já nos ensinara, são expressões da consciência, manifestações do eu e que participam de suas ilusões. Enquanto referida ao afeto, a experiência amorosa é dirigida a um ideal que situa os contornos do vaivém do reflexo no espelho. Jogos especulares entre transferência e contratransferência que reconstituem a integridade do eu na mesma medida em que denegam a parcialidade da pulsão. Experiência enganosa que orienta o desejo de Freud na procura pela verdade; amor duvidoso – “não é a mim que ela ama mas a um outro a quem substituo” – que situa os rumos de sua busca por uma certeza.

Lembremos aqui os argumentos de Lacan diante daqueles que o acusavam de não considerar a dinâmica e os afetos, de haver intelectualizado a psicanálise: “A transferência é o que manifesta na experiência a colocação em ato da realidade do inconsciente enquanto ela é sexualidade” (Lacan, [1964] 1973, p. 159). Que a transferência tenha sido descoberta sob o signo do amor não impediu que Freud propusesse – para além de Narciso – um discurso sobre a pulsão, Eros e Tânatos. Referência mítica, igualmente, em relação à qual escreve Lacan: “A pulsão é precisamente essa montagem através da qual a sexualidade participa da vida psíquica de uma forma que deve se conformar à estrutura de hiância que é aquela do inconsciente” (*op. cit.*, p. 160).

Que na transferência esteja em questão a sexualidade e, portanto, a pulsão e sua montagem – o fantasma – tem efeito de deslocamento da cena amorosa. Ocorreu-me em outro trabalho denominar a relação inaugural de Freud com as históricas de *cena primária* da psicanálise (Poli, 2006). Mas talvez seja preciso situá-la ainda em um tempo anterior: na interrupção provocada pelo advento da transferência no tratamento dispensado por Breuer a Anna O. (Breuer, [1895]1969). A paciente (Bertha Papperheim) fez uma pseudociese e Breuer fugiu apavorado, desconhecendo aí a incidência do próprio desejo. Olhamos

³ No sentido proposto por Bergès; Balbo (2000). Como curiosidade: os autores utilizam o termo «transferentivismo» - condensação entre transferência e transitivismo – para falar dos afetos percebidos pelo analista a partir das associações da criança (p.71).

pela fechadura e ajuizamos junto com Freud: ela amava⁴; verbo intransitivo: através dele (Breuer) – duplicação infinita da imago de um não-objeto – um sempre outro. Teoria sexual infantil que pensa no amor para encobrir o sexo? Afinal, por que teria de haver amor aí? Por que haveria de ser o amor condição necessária ao trabalho analítico?

Podemos considerar, com Lacan, que no amor se trata – para além do registro narcísico – de uma inscrição possível do traumatismo do encontro faltoso (*tiquê*); disso que mais adiante em seus seminários ele designará com a máxima *não há relação sexual*. O amor seria assim o nome (significante primeiro, S1) da falta de proporção (*rappor*t) no campo sexual. Perda original que faz com que a pulsão esteja fadada a nunca (re)encontrar seu objeto. Para Lacan, essa condição de inscrição do impossível que organiza, em um primeiro tempo, a cena analítica se situa como um saber: “desde que haja em algum lugar o sujeito suposto saber, há transferência” (Lacan, [1964]1973, p. 220). Saber suposto das condições de restituição do gozo perdido e que ultrapassa, já de saída, as conformações de supostas demandas dirigidas pelo reconhecimento. Saber sobre o objeto, ou do objeto – “o homem pensa com seu objeto” (p. 63) refere Lacan ([1964]1973) citando Aristóteles – que situa o lugar de emergência do sujeito, mas também sua afânise. Fechamento do circuito pulsional – face resistencial da transferência – em um saber-gozo suposto.

Fazer operar o desejo do analista é reabrir o espaço entre o saber e seu objeto. Separação inaugural que transitiva o sujeito ao distingui-lo do objeto no qual seu gozo (esse saber inconsciente da pulsão) se oferece (Bergès; Balbo, 2000). Como nos diz Lacan: “No inconsciente há um saber que não é de modo algum a ser concebido como saber a ter acabamento, a se concluir. [...] Trata-se de discernir como algo do sujeito é, por detrás, imantado, a um grau profundo de dissociação, de esquize” (*op. cit.*, p.129).

Na transferência trata-se, portanto, de operar com um desejo (do analista) sobre um saber (o gozo). Lembremos que o termo *transferência* foi importado por Freud de seu modelo inicial do aparelho psíquico. Nesse contexto, o

⁴ Note-se que na descrição clínica feita por Breuer, nos *Estudos sobre a histeria*, o período de afasia da paciente é apresentado do seguinte modo: “ela perdeu o domínio da gramática e da sintaxe; não mais conjugava verbos e acabou por empregar apenas os infinitivos, em sua maioria formados incorretamente a partir dos participios passados, e omitia tanto o artigo definido quanto o indefinido”. (Breuer, 1895) . Outra característica relevante do quadro clínico de Anna O. estava no fato de que, conforme descreve Breuer, “a noção da sexualidade era surpreendentemente não desenvolvida nela”. Não haveria relação entre esses dois componentes sintomáticos?

conceito designava a relação metonímica que se estabelecia entre as inscrições mnêmicas. Tratava-se para Freud de nomear os laços de contigüidade que associam um significante a outro, relacionando-os e, no mesmo movimento, marcando descontinuidades temporais (S1, S2, S3, etc.). A transferência designa, escreve Freud, a inclusão do analista nas *séries psíquicas* (Freud, [1912]1973). A partir de Lacan, diríamos que se trata de considerar a inclusão de um sujeito (suposto saber), isto é, de uma representação entre significantes que permite a inscrição, no deslizamento da série significante (na associação livre), da referência ao objeto (ao real). Estabelecem-se assim as condições de representação do sujeito na contagem e na repetição, premissas para que o trabalho analítico possa se dar.

Quando Lacan (1973), ao longo do *Seminário Os quatro conceitos fundamentais*, critica o uso que se fez no pós-freudismo da noção de repetição na transferência, confundindo os dois termos, situa o desconhecimento na função do real em causa nesses conceitos. A psicanálise enquanto práxis, assevera, consiste em tratar o real pelo simbólico. Consiste, portanto, na nominação, produção de um sujeito, no campo de uma experiência que se estrutura pela consideração da impossibilidade da pulsão encontrar seu objeto. Transferência e repetição são nomes da incidência desse real no trabalho analítico. Se antecipadas à experiência, no entanto, produzem o avesso de um trabalho que visa à produção de um sujeito onde Isso era. Tornam-se conceitos esvaziados por um discurso de mestria que conduz à demanda de amor enquanto recusa ao inefável do registro sexual.

Considerar a transferência como o cerne do trabalho analítico é, portanto, levar em conta a montagem e a desmontagem do circuito pulsional, os modos como a sexualidade se organiza no desfile dos significantes promovido pelo particular encontro entre demanda de análise e desejo do analista. Nem amor realizado, nem sexo consumado; no espaço aberto pela dupla negação que constitui o registro do objeto na experiência analítica – o *objeto a* –, a transferência opera como ponto de balança entre significante e pulsão; não um sem o outro.

Mas como se conjuga essa particular relação ao objeto que denominamos transferência?

No texto de Barthes que mencionamos acima – *Escrever, verbo intransitivo?* – o autor questiona a intransitividade do verbo *escrever*, isto é, a constituição moderna da figura do “escritor” independentemente do texto por ele produzido. O nascimento dessa figura, situa Barthes, é contemporânea da fetichização do livro e do texto como objetos privilegiados. Não se trata, portanto, propriamente de intransitividade, mas, sim, de certo desencontro entre aquele que escreve – o sujeito da ação, que é movido por um desejo – e o fruto dessa ação,

o objeto afetado e produzido pelo seu gesto. Na análise, nos diz Lacan retomando as metáforas freudianas do aparelho psíquico, trata-se também da produção de uma escrita. Não enquanto algo que já estava lá e que precisaria ser traduzido, como pensa por exemplo Derrida ([1966]1995) ao considerar o inconsciente como um texto que preexiste a tomada da palavra. A referência de Lacan à escrita se situa na consideração do suporte material, da presença de um objeto (o objeto *a*: traço, letra ou rasura), em causa no endereçamento da palavra em transferência. As redes significantes são texto na medida em que circunscrevem um real – o real pulsional – colocando em ato, através da dialética da demanda e do desejo, a cena do fantasma que aprisiona o sujeito.

Barthes, como vimos, contesta a aparente intransitividade do verbo escrever. Ele atribui uma outra peculiaridade à modernidade: a escritura como verbo que se conjuga na voz média – o tempo reflexivo da pulsão, segundo Freud.

Escrever é hoje fazer-se o centro do processo da palavra, é efetuar a escritura afetando-se a si próprio, é fazer coincidir a ação e o afeto, é deixar o escritor no interior da escritura, não a título de sujeito psicológico, mas a título de agente da ação (Barthes, [1984] 2004, p. 22).

No escrever moderno, continua Barthes, “o sujeito constitui-se como imediatamente contemporâneo da escritura, efetuando-se e afetando-se por ela” (p. 23).

Não encontramos aí certa ressonância do dito de Lacan: “O inconsciente é a soma dos efeitos da fala/palavra sobre um sujeito, nesse nível em que o sujeito se constitui pelos efeitos do significante” (Lacan, [1964] 1973, p. 116)? Ou ainda quando ele diz que “a transferência é um fenômeno em que estão incluídos juntos o sujeito e o psicanalista” (p. 210)? *Psicanalisar* conjuga-se – é o que proponho para finalizar – como esse escrever, na voz média indicada por Barthes. Um escrever que deixa o escritor no interior da escritura, efetuando-se e afetando-se por ela. “Não sem objeto”, portanto – para retomar a expressão de Lacan a propósito da angústia. Mas aqui, no contexto da transferência, como índice textual (*letra*) do agente da ação.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. *Amar, verbo intransitivo* [1927]. São Paulo: Círculo do livro, 1983.
- BARTHES, R. Escrever: verbo intransitivo? [1984] In: _____. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BARTHES, R. *Fragmentos de um discurso amoroso*. 14. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1998.
- BERGÈS, J.; BALBO, G. *L'enfant et la psychanalyse: nouvelles perspectives*. 2. ed. Paris: Masson, 2000.
- BREUER, J. Caso 1: Srta. Anna O. [1895]. In: _____. *Estudos sobre a histeria. Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago (versão eletrônica).
- DERRIDA, J. Freud e a cena da escritura [1966]. In: _____. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1995
- FREUD, S. La dinámica de la transferencia [1912]. In: _____. *Obras completas*. Tomo II. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973.
- LACAN, J. *Le séminaire, livre XI: les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse* [1964] Paris: Seuil, 1973.
- POLI, M.C. Transcrever, escrever, transferir [2006]. *Congresso Internacional de Psicanálise e Escrita*. Rio de Janeiro: UERJ. No prelo.

Recebido em 10/01/2007

Aceito em 05/03/2007

TEXTOS

DESASTRES DA TRANSFERÊNCIA¹

Rosane Monteiro Ramalho²

Resumo: O artigo aborda os impasses na clínica com pacientes que viveram verdadeiros desastres transferenciais em tratamentos anteriores. Embora frequentes, situações desse tipo raramente vêm a público, permanecendo muito pouco discutidas. A partir de um caso em que o envolvimento sexual com a paciente redundou na interrupção e no fracasso da análise, discute-se em que consistiu exatamente a responsabilidade do analista no destino desastroso da cura, bem como sobre as dificuldades encontradas no estabelecimento da experiência analítica com outro analista.

Palavras-chave: transferência, clínica, desastres transferenciais, direção da cura.

DISASTERS OF THE TRANSFERENCE

Abstract: This article unfolds the adversities of treatments of patients who have been through transferential disasters in previous treatments. Although frequent, this type of situation hardly ever comes into public notice, remaining very little debated. Starting from a case in which there was sexual intercourse that led to the failure and end of the analysis, the responsibility of the analyst in this catastrophic direction of cure is discussed, as well as the difficulties faced in the establishment of a future analytical experience with another analyst.

Keywords: transference, clinic, transferential disasters, direction of cure.

¹ Trabalho apresentado nas Jornadas Clínicas da APPOA – *Fundamentos da Psicanálise*, realizadas em Porto Alegre, outubro/2006.

² Psicanalista; Membro da APPOA; Mestre em Psicologia Clínica (PUC/SP). E-mail: rosaneram@gmail.com

O que pretendo abordar neste texto tem me ocupado há muitos anos. Há tempos vem acontecendo de algumas pessoas me procurarem para análise após terem vivido um verdadeiro desastre transferencial em tratamento anterior. Embora este seja tema freqüente entre os analistas, raramente é objeto de discussão mais profunda no meio analítico, sobretudo quando entre as razões para o desfecho fracassado está o surgimento de envolvimento amoroso ou sexuais entre analista e paciente. Casos assim tendem a permanecer no âmbito das conversas informais e privadas, sem que se leve adiante a discussão sobre o que efetivamente responde pelos efeitos desastrosos que o descaminho da transferência acarreta nesses casos, bem como sobre as conseqüências para os pacientes que viveram tais experiências. Meu objetivo ao relatar uma história desse tipo é entender melhor o que teria “saído dos trilhos” na direção da cura, em que exatamente teria incidido a responsabilidade do analista nesse processo, e finalmente discutir os impasses encontrados no estabelecimento de outra análise.

Na minha clínica, essa tem sido uma das situações em que encontro maior dificuldade: trabalhar com o que vou chamar de *destroços* transferenciais. Destroços, pois remetem aos restos não-analisados da relação transferencial anterior, constituindo um obstáculo a ser enfrentado para que a experiência analítica possa efetivamente acontecer em outra análise.

Trago um desses casos, do qual tomarei alguns fragmentos clínicos. Alice – assim vou chamá-la – procurou-me, há muitos anos, porque estava desesperada. Tinha, na ocasião, trinta e poucos anos e estava tentando interromper, sem sucesso, uma análise que vinha fazendo por mais ou menos quatro anos. Três anos após o início de sua análise anterior, entre ela e seu analista acabara se estabelecendo uma relação amorosa – que incluía relações sexuais nos horários das sessões. Haviam se tornado namorados, ou melhor, amantes, pois ele era casado. Algum tempo depois, porém, ela sofreu um acidente muito grave de carro, que a levou a ser hospitalizada e que lhe deixou marcas indeléveis, principalmente no rosto. Após a hospitalização, o seu analista-namorado lhe disse que eles não deveriam mais seguir com a relação amorosa, e que deveriam voltar a ser apenas terapeuta e paciente. Ela, abalada com o fim desse romance, de certa forma percebia que seria muito difícil voltar a ser sua paciente e lhe falou sobre isso, bem como da possibilidade de procurar outro analista, ao que ele então lhe disse que só ele poderia tratar dela.

Embora não concordasse com a situação e tivesse insistentemente tentado pôr fim à relação, Alice – que se sentia ao mesmo tempo abandonada e aprisionada a esse analista – finalmente, após alguns meses, conseguiu procurar outra análise. Foi quando ela chegou até a mim.

Sobre a sua história pessoal, pode-se dizer que a existência de Alice foi fruto de um acidente. Sua mãe, muito jovem, ao se descobrir grávida de um rapaz que não quis assumir o filho, viu-se só e tentou se suicidar. Não conseguindo, acabou tendo a criança, que cresceu sentindo-se “um fardo, um peso morto” para a mãe – uma mãe que sempre se mostrava amarga, distante, apesar dos constantes esforços da filha em não importuná-la e fazer tudo para agradá-la. Alice buscava desesperadamente um lugar para si junto à mãe e assustava-se com seus freqüentes descontroles, ocasiões nas quais a mãe quebrava tudo à sua volta. Ainda menina, mudou-se com a mãe do Uruguai para Porto Alegre. Na vida escolar sentia-se sempre excluída, sozinha, apesar dos esforços em se aproximar dos colegas. Apesar disso, conservava algumas boas lembranças daquele período, principalmente de uma professora, que foi uma presença fundamental para ela em seus primeiros tempos no Brasil.

Alice casou-se, teve uma filha, e buscou uma profissão em que trabalhava com educação infantil (pré-escola), tendo alcançado reconhecimento profissional na sua área. No entanto, apesar do sucesso profissional conquistado e da família que havia constituído e que havia sempre amado, sentia-se muito triste, sempre às voltas com um persistente sentimento de vazio, um oco constante, pensando seguidamente em se suicidar. Certa vez, Alice de fato acabou tentando dar fim a sua vida. Foi salva pelo acaso: o marido precisou voltar para casa antes do previsto, a encontrou e a socorreu a tempo. Após isso, decidiram que ela deveria procurar um tratamento.

Ela, então, iniciou tratamento com o tal analista, com quem acabou estabelecendo relação muito intensa. A princípio percebeu melhora, uma vez que não sentia mais vontade de se suicidar. Alice reconhecia, porém, que a razão de ser de sua vida havia passado justamente a ser o seu analista. Sua família – marido e filha –, bem como seu trabalho, foram sendo relegados a segundo plano. Dizia que era muito bom sentir que ele se interessava por ela. Ficavam muito tempo conversando além do horário das sessões e falavam-se seguidamente pelo telefone. Conversavam sobre tudo, sobre a vida dela e também sobre a dele. Ele havia se tornado o centro de sua vida, e tudo, para ela, desmoronou quando ele a “abandonou”.

Alice, na verdade, viveu essa experiência como mais uma reedição de um abandono anterior, uma vez que esta havia sido a marca da relação estabelecida com o Outro. Essa foi a inscrição de suas relações primordiais. Alice, em sua melancolia, sentia não ter encontrado um lugar para si no desejo de seus pais, sempre buscando corresponder às expectativas destes, em especial às maternas. Com o pai, que se recusou a reconhecê-la, ela nunca havia tido contato. Apesar de todos os seus esforços, sempre se sentira insuficiente diante de um

ideal inalcançável: ser amada por seus pais. Em função disso, buscava a restituição do real do laço de filiação. Ou seja, procurava restabelecer (ou estabelecer) o nó, uma relação legítima, intensa e erótica com o Outro, como é característica de uma relação primordial entre mãe e filho, que se expressa na imagem de um bebê envolto nos braços e no aconchego materno. Um bebê passa a ter corpo na medida em que o desejo materno o desenha, lhe dá contorno, uma segunda pele. A extrema importância que a proximidade física apresentava para Alice decorria justamente da fragilidade de suas relações primordiais. Ela concretamente buscava amparo para o seu desamparo, uma continência a sua sensação de fragmentação, um investimento na sua frágil consistência subjetiva. Buscava literalmente um abraço que lhe outorgasse forma, enfim, que lhe desse vida. Não por acaso, na relação com as pessoas Alice costumava ocupar a posição suplicante – suplicante de amor. Seu marido de alguma maneira respondia a esse apelo, pois ocupava lugar predominantemente materno junto a ela.

A falta de um investimento, de uma presença desejante por parte de seus pais fez com que a inscrição da relação com o Outro incidisse sobre ela como sendo marcadamente de abandono. Assim, Alice viveu a experiência do rompimento amoroso por parte de seu ex-analista como a concretização de seu fantasma. O analista, numa posição de domínio no fantasma, lançou-a à posição de puro objeto – de dejetos –, e ao mesmo tempo, a um profundo estado de desamparo e angústia, o que quase a levou inclusive a nova passagem ao ato. Penso que ele, mais do que o lugar paterno e, portanto, edípico, ocupava, para ela, o lugar materno. Por isso, a proximidade física tinha, para ela, menos caráter incestuoso e angustiante do que o sentido de lhe fornecer um contorno. Na constituição da feminilidade, uma menina quer ser desejada por seu pai, mas desde que ele não concretize esse desejo, não passe ao ato, o que seria para ela devastador. Se isso acontecesse, justamente ele sairia do lugar de pai, isto é, a abandonaria. Penso que, para Alice, devido à sua precária consistência subjetiva, a proximidade física apresentava muito mais um matiz de contorno materno.

Quando ela chegou até a mim, encontrava-se muito mal, aos pedaços, tentando juntar seus destroços. Fisicamente também assim se encontrava (ainda com alguns curativos e com várias cicatrizes, principalmente no rosto). Ao mesmo tempo, apresentava muita desconfiança em relação a todos, inclusive a mim. Afinal, assim como seu ex-analista – em quem ela havia confiado totalmente – a havia abandonado, ela receava de que eu também pudesse fazer o mesmo. Esse é um aspecto difícil e extremamente delicado que tais casos implicam. Em situações como essa, há freqüentemente grande receio em estabelecer nova relação, uma relação de confiança necessária para que a análise

se dê. Nesses casos, é preciso trabalho prévio, lidar com esses destroços transferenciais, para, então, a análise poder acontecer.

Na análise, Alice dizia ver-se como um ser desprovido de qualquer valor. Ela facilmente se via tomada, na transferência, por um profundo temor de ser abandonada por mim, de ser reduzida a nada. Isso nos remete à problemática da melancolia, cuja identificação primordial é justamente com o significante *nada*. No entanto, é muito diferente o referir-se a si mesmo como sendo um nada (como um ser sem valor), isto é, dizer-se ser um nada, do que efetivamente colocar-se no lugar desse nada, fazer-se nada, tornar-se literalmente o objeto nada. Ou seja, a significação enquanto *nada* justamente a defende de ser o próprio nada. Esse é o impasse na melancolia, pois essa é a identificação que faz dela um sujeito e, por isso, suprimi-la tinha, para Alice, caráter ameaçador.

A direção do tratamento foi no sentido de relativizar essa sua certeza da impossibilidade de se fazer amar por se ver como um ser desprezível. Isso só foi possível na medida em que ela pôde perceber a dificuldade, senão a impossibilidade, de seus pais exercerem suas funções parentais, enfim, conseguindo barrar o Outro, uma vez que, até então, o Outro para ela era tido como inatingível, sem desejo e, portanto, sem falta. A direção da cura consistia, então, em lhe possibilitar uma abertura, um deslizamento para outras significações possíveis, a partir de manifestações de desejo – mesmo que ínfimas e frágeis –, permitindo a ela o acesso à posição de sujeito.

Quanto a isso, é importante destacar que o trabalho do analista não consiste em dirigir o paciente, mas em dirigir a cura³. Considero essa questão fundamental do ponto de vista da ética da psicanálise, pois implica posições diametralmente opostas. Dirigir a cura visa ao acesso do paciente à posição de sujeito, e, portanto, ao seu desejo, enquanto que dirigir o paciente implica a manutenção de uma alienação, em cuja relação o paciente fica reduzido à posição de objeto e o analista, identificando-se com a imagem ideal que o paciente lhe atribui, ocupa um lugar de domínio.

Geralmente o paciente, quando procura tratamento, supõe no analista um saber, coloca-o no lugar de sujeito-suposto-saber. Enfim, coloca-o num lugar ideal (de ideal do eu). Na transferência que se instaura, o paciente busca ser amado por seu ideal, isto é, busca ser um eu ideal amável aos olhos do seu ideal do eu. Assim, quanto mais ele supõe um saber idealizado no Outro, tanto mais o seu eu ideal ocupa o seu espaço de sujeito – essa é a dimensão resistencial da transferência. A questão na análise é, então, possibilitar para aquele que ama, que vem com uma demanda de amor, o acesso ao seu desejo.

³ Ver Lacan, [1958] 1998.

Essa é a responsabilidade do analista: possibilitar ao seu paciente que, através desse amor, ele tenha acesso ao seu desejo, à posição de sujeito.

Em relação a esse amor, Freud ([1915]1985), em *Observações sobre o amor transferencial*, já falava na regra da abstinência: o analista não deve satisfazer a exigência de amor de sua paciente (Freud nesse texto fala em uma paciente, embora a observação diga respeito também aos pacientes homens), “de modo a permitir que o anseio nela persista a fim de servir de forças que a incitem a trabalhar e efetuar mudanças” (p.214). Logo acrescenta que

é tão desastroso para a análise que o anseio da paciente por amor seja satisfeito, quanto que seja suprimido. O caminho que o analista deve seguir não é nenhum destes e [...] não encontra modelo na vida real. Ele tem de cuidar para não se afastar do amor transferencial, repeli-lo ou torná-lo desagradável para a paciente, mas, deve, de modo igualmente resoluto, recusar-lhe qualquer retribuição. [...] deve tratá-lo como algo irreal, como uma situação que se deve atravessar no tratamento e remontar às suas origens inconscientes (Freud, *op. cit.*, p. 216).

Trata-se de um amor genuíno, que não se deve à pessoa do analista, mas que se encontra pronto, e se manifesta independentemente de ser em uma análise ou fora dela. Nessa direção, Lacan ([1964] 1985) dizia que a transferência é a colocação em ato do inconsciente. Em relação ao trabalho com a transferência amorosa, ele considera que esse *amor* que se endereça ao sujeito-suposto-saber deve encontrar o *desejo* do analista (desejo esse não relativo à sua subjetividade, mas ao seu lugar de analista – lugar do morto). Em outras palavras, o que se espera é que o analista saia desse lugar idealizado e que permita ao paciente o reconhecimento de seu desejo.

Aliás, essa é a única forma que o analista tem de responder à demanda de amor de seu paciente – pelo desejo do analista. Ou seja, através do reconhecimento do seu lugar de sujeito, de sujeito desejanter, o analista possibilita ao paciente, então, o atravessamento do seu fantasma.

Ao abordarmos a questão por esse ângulo percebe-se que a responsabilidade do analista não se reduz à regra da abstinência, ou seja, a não responder à demanda amorosa do paciente. A questão mostra-se muito mais complexa. Em certos casos, como os de melancolia, a direção da cura requer que o analista ocupe o lugar de um Outro castrado, ou seja, é importante que o paciente encontre um lugar para si no desejo do analista, que ele encontre um lugar de acolhimento, havendo, portanto, uma positivação do desejo do analista.

É preciso reconhecer também que pode efetivamente acontecer de o analista (homem ou mulher) se apaixonar pelo seu paciente ou por sua paciente – há na própria história da psicanálise vários casos em que isso aconteceu. A questão, no entanto, é como ele vai lidar com tal situação. Caso ele resolva concretizar essa relação amorosa, a análise ficará inviabilizada, devendo ser retomada com outro analista.

Vê-se, portanto, que a questão que nos interessa nesses casos é muito mais complexa do que a simples transgressão do código de ética profissional ou das expectativas morais socialmente construídas. É importante pôr o acento no que se constitui como problema ético, para além de qualquer código ou conjunto de regras estabelecidas. Infelizmente, não é raro encontrarmos na clínica cotidiana “analistas” que, ao se manterem no lugar do sujeito-suposto-saber, acabam por dirigir seu paciente, e não o tratamento. Ao agirem assim, colocam-se num lugar de domínio no fantasma de seu paciente, o qual, por sua vez, fica fixado num lugar objetal. Na “análise” conduzida sob tais condições, as palavras do “analista” adquirem um caráter devastador. Essa é a dimensão transferencial que pode apresentar caráter mortífero, uma vez que impede o acesso, por parte do paciente, ao lugar de sujeito, subjugando-o à condição de objeto. No caso da análise anterior de Alice foi esse o ponto decisivo que, juntamente com o envolvimento sexual, acabou por impossibilitar a experiência analítica. De certo modo, os dados já estavam lançados muito antes de o envolvimento amoroso dominar a cena e acabar produzindo seus efeitos devastadores.

É preocupante reconhecer que, infelizmente, muitos “analistas” ainda se mantêm nessa posição, promovendo verdadeiros desastres psíquicos, e que, inúmeras vezes, também os pacientes que vivem tais desastres acabam não encontrando um segundo caminho para lidarem com esses estragos, com esses destroços. Muitos de tais desastres acabam ficando por isso mesmo, ou pior, ficam no máximo como problemas para o paciente, por vezes considerados como se fosse somente um problema *do* paciente, sem nenhuma implicação por parte do tal “analista”, bem como sem nenhuma consequência para ele. Nossa responsabilidade nos faz, portanto, não silenciarmos diante desta impostura.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. Observações sobre o amor transferencial (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III) [1915]. In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 12.

LACAN, Jacques. A direção do tratamento e os princípios do seu poder [1958]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. O seminário – Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise [1964]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

Recebido em 25/01/2007

Aceito em 20/04/2007